PAULO HENRIQUE RODRIGUES DE SOUZA

Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro do GNEIT.

CARMEM LIGIA IOCHINS GRISCI

Professora do Programa de Pós-Graduação/Escola de Administração/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq, membro do GINEIT

COMPRESSÃO TEMPORAL NAS ROTINAS DE PRODUÇÃO: SOFRIMENTO PSÍQUICO DO TRABALHADOR DA NOTICIA

Resumo: Este artigo visa a uma reflexão crítica a respeito das implicações da recente fase capitalista nas rotinas de produção do jornal *Zero Hora*. Para isso, primeiramente, aborda-se a passagem da etapa fordista de acumulação do capital para o pós-fordismo, enfatizando o conceito de compressão do tempo. Posteriormente, são analisados o *deadline* do periódico e as mudanças na atividade jornalística. Finalmente, com auxílio de estudiosos da subjetividade, são analisadas as reações dos próprios jornalistas à reorganização do seu trabalho. Aqui, a questão do sofrimento psíquico adquire relevância. As perspectivas teóricas predominantes são as da Economia Política da Comunicação e da psicodinâmica do trabalho. Os métodos de investigação adotados foram pesquisa bibliográfica, entrevistas e observação não-participante.

Palavras-chaves: *deadline* – pós-fordismo – sofrimento psíquico no jornalismo

COMPRESSION DU TEMPS DANS LES ROUTINES DE PROCDUTION: SOUFFRANCE PSYCHIQUE DES JOURNALISTES DU SUD DU BRÉSIL

Résumé: Cet article vise à une réflexion critique sur les implications de la recente phase capitaliste dans les routines de production du quotidien *Zero Hora*, du sud du Brésil. Pour cela, on utilise des méthodes d'investigation bibliographique, interview et observation sans participation.

D'abord, on analyse la transition de l'étape fordiste du capital pour le post-fordiste, en mettant en relief le concept de compression du temps. Postérieurement, ils sont analysés le *deadline* du quotidien et le changement dans les activités journalistiques. Finalement, avec l'aide des chercheurs de la subjectivité dans le travail, sont analysées les réactions des propres journalistes à l'organisation de leur propre travail. Ici, la question de la souffrance psychique gagne de l'importance. Les perspectives théoriques prédominantes sont celles de l'Economie Politique de la Communication et la psychodynamique du travail.

Mots-clé: *deadline* – post-fordisme – souffrance psychique

INTRODUÇÃO

Em *O que é ser jornalista*, Ricardo Noblat cita leis das quais devem estar cientes todos aqueles que optarem pela profissão. Uma delas refere-se à jornada de trabalho do jornalista: “[O] jornalismo deve ser exercido em tempo integral. Isso quer dizer: do momento em que o jornalista acorda até o momento em que vai dormir”. Esta regra proposta por Noblat - jornalista de carreira reconhecida com passagem por importantes veículos brasileiros como Veja, O Globo e Correio Braziliense – parece não ser endossada, em unísono, por todos os seus colegas. Pelo menos é o que emerge quando estes são convocados a refletir sobre a organização do trabalho a que estão submetidos.

Apesar de tratar tais regras como atemporais e intrínsecas ao jornalismo, este trabalhador em tempo integral de que fala o autor pode ser ainda mais freqüente na atual etapa pós-fordista do capital. A reestruturação do modo de produção capitalista – esmiuçada por pensadores até mesmo de correntes teóricas destoantes, como Harvey (2004) e Castells (2002) – tem óbvias implicações sobre a organização do trabalho no jornalismo industrial. Entre as características pós-fordistas de ressonância nas rotinas de produção jornalística, a compressão do tempo detém destaque. A nova concepção de temporalidade tem transformado a cadência nas redações de jornais. Cita-se aqui três desses possíveis imperativos: encurtamento e supervalorização do tempo de confecção do produto jornal (*deadline*)¹, alongamento da jornada de trabalho e desmantelamento dos limites entre funções.

Foi da alçada de Heloani (2003), em importante contribuição aos estudos da psicologia do trabalho, apontar como a reestruturação produtiva tem transformado a organização do trabalho de jornalistas. Em sua tese, o autor, através de entrevistas em profundidade e testes aplicados com 44 profissionais da imprensa paulistana, indica como as transformações na produção têm afetado a qualidade de vida de jornalistas. O presente artigo, condensação de pesquisa defendida como monografia de conclusão de curso na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem corroborar as preocupações apontadas por Heloani (2003) no que se refere às conseqüências da reestruturação do trabalho na saúde dos jornalistas. Mesmo que de menor fôlego, a reflexão aqui feita permite apontar que as transformações na organização do trabalho no jornalismo industrial irrompem as fronteiras da imprensa do sudeste, coração econômico do país, e já ganha exemplo no sul do Brasil.

É importante afirmar que este artigo insere-se também na fração de estudos em Economia Política da Comunicação, que se dispõe à análise das transformações no jornalismo causadas pela reestruturação do capital. O trabalho de Fonseca (2004), cujo caráter panorâmico permite indicar os contornos pós-fordistas nas estruturas das empresas jornalísticas brasileiras, é referencial para este artigo. Para a autora, a organização do trabalho no jornalismo apresenta características capazes de retratar o novo modelo de desenvolvimento². Essas modificações na estrutura do jornalismo teriam implicações também para o conceito de jornalismo e para o perfil do jornalista.

Apresentados os limites de colaboração do artigo, cabe agora exibir sua estrutura, a começar pelo problema de pesquisa.

Como as mudanças provocadas pela compressão do tempo nas rotinas de produção jornalísticas se refletem na saúde dos jornalistas? É a esta questão que se pretende responder. Objetivos específicos são eleitos para melhor pensar o problema: (i) refletir sobre o advento do modelo de desenvolvimento pós-fordista, (ii) abordar o conceito de compressão do tempo e (iii)

¹ Expressão essencial neste artigo, *deadline*, palavra de origem inglesa, é como jornalistas chamam o limite para a entrega do texto/foto e a finalização da edição de páginas. Nesta reflexão, usar-se-á no gênero masculino, como é de uso corrente dos jornalistas. A palavra baixamento, também da linguagem especializada do jornalismo, servirá de sinônimo.

² Conforme a Escola Francesa de Regulação, modelo de desenvolvimento é compreendido como a estrutura macroeconômica, o modo de regulação e a organização do trabalho que caracterizam todas as etapas do capital. Para maior aprofundamento, ler *Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado*, de José Roberto Heloani.

analisar como a organização pós-fordista do trabalho tem implicações sobre a vida dos jornalistas.

Adotam-se como referencial teórico, além da Escola Francesa de Regulação, que permite analisar as transformações no capitalismo levando em conta seus aspectos políticos e sociais, com sua historicidade peculiar, a psicodinâmica do trabalho. Através dessa disciplina, que tem justamente o sofrimento psíquico como objeto de estudo, opta-se por compreender a reflexão que os jornalistas fazem do seu trabalho.

A seguir, apresenta-se o referencial teórico. Posteriormente, são descritos os procedimentos metodológicos que permitiram colher dados para a reflexão, e, por fim, exibem-se os resultados e as considerações finais.

1 Paradigma industrial no capitalismo globalizado

Harvey (2004) propõe 1973 como data que marca a guinada no modelo de desenvolvimento. Resumidamente, a soma de três importantes fatores teria solapado o regime de acumulação fordista: crise do petróleo, fim do Acordo de Bretton Woods e endividamento dos Estado-nação. No Brasil, a transição ocorreu de forma peculiar. Autores como Carvalho (1999) se dispuseram a discorrer sobre essas especialidades.

Neste artigo, dar-se-á ênfase às mudanças no modo de produção de forma mais ampla. Faz-se aqui apenas algumas considerações a cerca do que é dito por Carvalho (1999), quando este analisa o fordismo no país.

O fordismo no Brasil aconteceu de forma atrasada e caricatural. Quando EUA e Europa já se despediam deste modelo de desenvolvimento, o Brasil recém vivia sua Idade de Ouro, o chamado Milagre Brasileiro, no final da década de 70, período em que o Produto Interno Bruto chegou a atingir 7% ao ano. Apesar do crescimento econômico exuberante, o que diferencia o fordismo brasileiro do modelo americano e europeu foi a inexistência de um Estado-Providência. Durante o ciclo militar, mesmo sob um regime interventor, o Estado brasileiro nunca atendeu às demandas sociais da população.

Outro fator peculiar do fordismo caricatural implantado no Brasil, para usar a expressão cunhada pelo autor, foi a opção por uma política econômica que não repassava aos salários os ganhos de produção. Na contramão do que ocorrera sob o fordismo “genuíno”, cuja valorização salarial está ligada à criação de um mercado de consumo em massa, no Brasil, a concentração de renda foi vista como condição para o processo de crescimento (CARVALHO, 1999).

Enquanto o Brasil vivia o fordismo, no Hemisfério Norte outros ventos já sopravam, balançando a estrutura do sistema. Uma das fortes correntes de ar tinha origem no Oriente Médio.

A crise energética atingiu em cheio todas as economias em 1973. No ano da Guerra do Yom Kippur – conflito entre Israel, Egito e Síria –, as perfuradoras de petróleo tornaram-se armas. Os países árabes produtores organizaram um boicote em represália à ajuda americana dada a Israel.

O rompimento do acordo de Bretton Woods, firmado após a 2ª Guerra Mundial, agravava a crise. O dólar, a partir de então, deixava de ser a moeda de reserva no comércio mundial. Somados ao endividamento dos EUA, já a maior economia global, o mundo mergulhava na superacumulação³.

Toda transformação no regime de acumulação implica mudanças no modo de regulação, na organização do trabalho e vice-versa, de maneira que a etapa capitalista procura harmonizar-se. Heloani (2003) explica estas influências mútuas entre as unidades constituintes do modelo de desenvolvimento.

Quando um paradigma industrial se instala, ele, por conseguinte, passa a influenciar o próprio modo de regulação e a estrutura macroeconômica que o haviam

³ Superacumulação é definida como uma condição em que podem existir ao mesmo tempo capital ocioso e trabalho ocioso sem nenhum modo aparente de se unirem esses recursos para a obtenção de tarefas socialmente úteis. Uma condição generalizada de superacumulação seria indicada pela capacidade produtiva ociosa, excesso de mercadorias e de estoques, excedente de capital-dinheiro (HARVEY, 2004).

determinado num primeiro momento (HELOANI, 2003, p. 15).

O sistema passa a ser questionado. Na Europa, idéias semeadas por pensadores liberais apontam o Estado de Bem-Estar como o vilão da crise, e agremiações como o Partido Conservador, do Reino Unido, assumem o comando político. Nos EUA, o poder é entregue ao republicano Richard Nixon. Ambos os governos, americano e inglês, impõem transformações na macroeconomia. Aos poucos, alicerces do fordismo, como a indexação de salários e o caráter assistencial do Estado, vão sendo corroídos. O próprio Estado, como explica Oliveira (2003), toma a dianteira para ascender um novo modo de desenvolvimento. “[O] Estado intervém para destruir o modo de acumulação para o qual a economia se inclinava naturalmente, criando e recriando as condições do novo modo de acumulação” (OLIVEIRA, 2003, p. 40).

Como dito anteriormente, a mudança na estrutura do regime de acumulação tem reflexões no paradigma industrial, ou seja, na organização do trabalho. Harvey (2004) aponta as conseqüências para os trabalhadores do regime de acumulação ascendente.

Para os trabalhadores, tudo isso [*transição para o regime de acumulação flexível*] implica uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho. A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição [...], possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior (HARVEY, 2004, p. 258). [grifo nosso]

Importante catalisador desta aceleração da produção não é omitido pelo autor: as novas tecnologias produtivas. Apesar de recente, datada em meados dos anos 90, a Internet merece destaque na consolidação do modelo de desenvolvimento pós-fordista. Castells (2002) define de Sociedade em Rede, ou Informacional – etapa em que a humanidade estaria inserida –, como a articulação entre uma nova fase do modo de produção capitalista e o avanço tecnológico.

A passagem do fordismo para o pós-fordismo não se deu imediatamente à crise desencadeada nos anos 70. Foram necessárias décadas de aperfeiçoamento político e econômico para que a rigidez fosse substituída pela flexibilidade na acumulação do capital. Para a adoção dessa forma flexível de acumulação do capital, as nações, principalmente as intituladas em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, têm um alto custo a pagar e um longo percurso a cumprir.

Abrir de par em par os portões e abandonar qualquer idéia de política econômica autônoma é a condição preliminar, docilmente obedecida, para receber assistência econômica dos bancos mundiais e dos fundos monetários internacionais (BAUMAN, 1999, p. 75-76).

As instituições referidas pelo autor são o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio, que constituem, hoje, o centro do pensamento econômico capitalista. É importante esclarecer que nem todas as nações passam por modificações dessa ordem, parcial ou plenamente. Alguns países completaram seu ciclo, como EUA, Japão e o Estados da Europa ocidental. Outros foram inseridos há apenas cerca de uma década, situação de economias latino-americanas como a do Brasil. Regiões da África e da Ásia ainda permanecem alheias aos ventos do liberalismo econômico.

Para que se entenda o quão transitória ainda é a passagem do fordismo para o pós-fordismo no Brasil, ressalta-se que só na última década os governos federais implementaram reformas de caráter liberal. As primeiras vieram sob o comando do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), quando o Estado abriu mão da prestação de serviços e privatizou estatais de energia e

telefonía. Quando Luiz Inácio Lula da Silva assume a Presidência da República, continuam as transformações macroeconômicas rumo ao pós-fordismo. A reforma previdenciária de 2003 é um importante exemplo. Repousada no ajuste fiscal, a reestruturação abriu espaço para que o capital privado entrasse no ramo antes de domínio apenas público. Mas as transformações não cessam na estrutura macroeconômica.

No que compete à própria reestruturação do paradigma industrial, Harvey (2004) argumenta que, no pós-fordismo, toda a organização do trabalho passa a se alicerçar na flexibilização e na desregulamentação. Antes mesmo que sejam feitas modificações nas leis trabalhistas brasileiras, a flexibilização de contratos de trabalho, como a terceirização, e do próprio sistema funcional vem ocorrendo. No jornalismo industrial, o fenômeno vem sendo observado há mais tempo. A sobreposição e a supressão de funções torna-se comum. Capparelli, em pesquisa de 1996 sobre o tema, já apontava os efeitos da primeira reestruturação no jornalismo industrial.

[A] primeira grande mudança foi o fim do copidesque nos anos 70 pois o jornal começou a contratar repórteres com texto final, submetidos a uma contagem periódica do número de laudas produzidas num determinado período de tempo. A informatização do jornal em 1988 [em Zero Hora] reforçou essa tendência, com a utilização do texto já digitado pelo próprio repórter levando a despedida em massa de revisores, cargos privativos de jornalistas (CAPPARELLI, 1997, p. 119).

A informatização não parou por aí. Logo, *softwares* mais avançados – principalmente editores de textos e programas de paginação – foram sendo adquiridos. Para Harvey (2004), a compressão do tempo-espaço está fortemente ligada ao alto investimento em tecnologia que possibilite automatizar tarefas, tornando-as mais ágeis e rápidas, de forma a permitir que o trabalhador assuma outras. Além da sobreposição/supressão de funções, o apego à instantaneidade e o processo multimídia⁴ são fortes conseqüências da ação da compressão do tempo nas rotinas de produção do jornalismo industrial. Posteriormente, ver-se-á como o conceito de compressão do tempo é definido e abordar-se-á seus imperativos nas rotinas de produção do jornal *Zero Hora*. Esta compressão do tempo nas rotinas de produção – sobreposição/supressão de funções, multimídia e aceleração da produção – tem implicações na vida do trabalhador da notícia. Para se compreender as conseqüências desse processo de mudanças estruturais sobre a saúde do trabalhador, é importante recorrer a outra corrente teórica..

2 Psicodinâmica do trabalho e atividade jornalística

Imersa na nova economia capitalista, *Zero Hora*⁵ adota cada vez mais ferramentas de gestão que tornem a empresa atraente ao capital financeiro e, por conseguinte, mais lucrativa (SENNETT, 2000). Mas o pós-fordismo no jornalismo apresenta seu preço, cujas conta e fatura têm como destinatários, em parte, os próprios jornalistas.

Hoje, afóra o objetivo principal – o lucro –, o que caracteriza uma empresa não é mais sua produção, não é mais o trabalho. O que a caracteriza é sua organização, sua gestão, seu gerenciamento. Propõe-se assim um deslocamento qualitativamente essencial. O tema da organização (da empresa) substitui-se ao tema do trabalho nas práticas discursivas do neoliberalismo (DEJOURS, 2003, p. 41).

Submetidos a um ritmo de trabalho cada vez mais intenso, sobrecarregados pela tecnologia – que, ao invés de permitir maior porosidade na produção, parece trazer acúmulo de tarefas (GRISCI, 2000) –, e conscientes do grau de precarização do trabalho que faz despencar seu poder de

⁴ Multimídia: convergência entre mídias, entre veículos de comunicação. Jornalisticamente, quando rádio, televisão, impresso e web compartilham conteúdo. Repórter ou jornalista multimídia é aquele que tem desenvoltura para trabalhar em todas as frentes do jornalismo.

⁵Zero Hora é o principal jornal do grupo RBS, mais importante conglomerado de mídia do sul do Brasil.

reivindicação, os jornalistas de *ZH* enfrentam desafios na organização do trabalho que põem em xeque sua saúde psíquica.

Perceber como os jornalistas encaram este ataque à sua saúde é importante para entender a nova concepção de jornalismo. Serve mesmo, arrisca-se a dizer, como contribuição à compreensão da atual etapa capitalista. Quando o sofrimento psíquico no trabalho é visto como objeto de estudo, cabe à psicodinâmica do trabalho sobre ele.

Originária da psicopatologia do trabalho, cujos estudos surgiram no pós-guerra, a psicodinâmica está em pleno desenvolvimento. Mas seu passado breve não permite concluir que se trate de uma disciplina de pouca sustentação científica. Ao contrário, o empenho dos pesquisadores faz dela um campo científico consolidado. Qualquer estudo sobre o trabalho hoje passa, mesmo que superficialmente, pelo seu referencial teórico.

Neste artigo, apodera-se com predominância das discussões inferidas pelo psiquiatra francês Christophe Dejours. No entanto, outros pesquisadores de exemplo nos estudos do trabalho, como Annie Thébaud-Mony, Richard Sennett e Denise Sant'Ana, são pilares de referência.

A partir do conceito de sofrimento psíquico adotado por Dejours, tentar-se-á interpretar a reflexão que os jornalistas fazem da organização do trabalho a que estão submetidos. Neste trabalho, não se adota a metodologia da psicodinâmica de forma ortodoxa. Como a maior parte dos trabalhos nesta área, no Brasil, o método sofre modificações, o que não invalida os seus resultados. A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3 Procedimentos metodológicos

Para a consecução dos objetivos desta pesquisa, adotou-se, primeiramente, o método da investigação bibliográfica, com a finalidade de circunscrever a pesquisa aos conceitos da Escola Francesa de Regulação e à psicodinâmica do trabalho. Através da leitura minuciosa dos autores, procurou-se fazer o que Lopes (2003) chama de ruptura epistemológica. Na tentativa de superar o senso comum, busca-se enxergar o objeto de estudo através de uma teoria científica. Com isso, visa à máxima bachelariana: o problema de pesquisa surge da oposição ao saber imediato.

Esta pesquisa pertence ao campo das ciências humanas e sociais, que, diferentemente das ciências naturais, não têm compromisso com a formulação de teorias generalizantes (GOLDENBERG, 2001). No entanto, como dito anteriormente, dedica-se à análise da compressão do tempo nas rotinas de produção do jornal *Zero Hora*, o que reproduz, de certa forma, estratégia de pesquisa adotada por Heloani (2003) no jornalismo industrial do sudeste do país.

Adotou-se também a observação não-participante. Passagens pela redação do jornal, com observação e conversas informais com jornalistas no momento em que trabalhavam, foram cruciais para o entendimento da engenharia das rotinas de produção de *Zero Hora*. Deu-se prioridade às questões que envolvessem diretamente o *deadline*.

Além desses procedimentos, foram feitas entrevistas com seis jornalistas. Mesmo que pareça inadequado estabelecer uma escala de valor entre métodos que são aplicados com objetivos distintos, as entrevistas foram uma das mais bem sucedidas escolhas metodológicas. A dedicação com que os informantes refletiram sobre a organização do trabalho tornou menos difícil a sistematização e análise dos resultados. É como se houvesse uma demanda (DEJOURS, 1999), uma ânsia por narrar sua experiência no trabalho e – principalmente – a angústia com as transformações nas rotinas de produção.

Entre os tipos de entrevistas, foi adotada a semi-estruturada, que compreende uma articulação entre a entrevista aberta, onde o informante aborda livremente o tema proposto, e a estruturada, que pressupõe perguntas previamente formuladas (CRUZ NETO, 1994). Os informantes foram submetidos a um questionamento que, apesar de estabelecido através de um roteiro, permitia ultrapassar as “balizas” das perguntas.

Há dois importantes pressupostos a serem feitos sobre as entrevistas. Primeiro, o fato de o pesquisador ser colega de trabalho dos entrevistados. Segundo, as entrevistas foram feitas em lugar com isolamento sonoro, mas dentro da redação. A jornada longa representou um empecilho para

que as entrevistas fossem realizadas fora da redação. Os jornalistas preferiram concedê-las nos intervalos do trabalho, o que pode ter constituído uma fator de restrição. Como mesmo afirma Cameron (2003), que aponta o contexto como componente indissociável de toda conversa, supõe-se que essa tenha sido a desvantagem, assim como o fato de o pesquisador ser, também, um colega de trabalho. Sem a presença desses dois fatores, talvez as entrevistas pudessem ter sido ainda mais produtivas e elucidativas.

Mas a escolha da entrevista para a pesquisa vai além. O sofrimento psíquico do trabalho não é um objeto de estudo como um outro qualquer (DEJOURS, 1999). A pesquisa em psicodinâmica do trabalho exige uma postura maior do que um simples ouvinte do pesquisador. É necessária a “escuta comprometida”, quando quem ouve assume riscos que se equivalentes aos de quem fala.

Falar e ser ouvido parece ser o modo mais poderoso de pensar e, portanto, de refletir sobre a própria experiência, desde que se esteja comprometido em relação dialógica, inter-subjetiva, na qual se acredita que o outro esteja de fato tentando a compreender. É ao explicar a outrem o meu sofrimento, a minha relação com o trabalho, que eu, perplexo, me ouço dizer coisas que eu não sabia, até tê-las dito (DEJOURS, 1999, p. 176).

Como salienta o próprio autor, quem fala sobre seu sofrimento sempre procura amenizá-lo. No entanto, o pesquisador em psicodinâmica do trabalho não oferece soluções. A missão é auxiliar os próprios atores sociais na busca de uma meditação sobre o “seu estar no mundo”.

Os trabalhadores são as pessoas mais indicadas para encontrar as soluções e oferecer sugestões para transformar a organização do trabalho. A dificuldade, quando surge, nasce de eles não mais se sentirem capazes de analisar a situação em que se encontram. Neste caso, cabe-nos propor que tentem compreender essa situação; e apresentar a hipótese de que, se conseguirem entender melhor os dados da situação, eles mesmos terão idéias sobre como transformar a organização do trabalho. Em termos mais gerais, pode-se dizer que nós não interviríamos se não tivéssemos certeza de que os próprios trabalhadores conseguirão encontrar respostas (DEJOURS, 1999, p. 168)

Espera-se que, por meio desta escolha metodológica, avance-se no estudo da organização da atividade jornalística na nova etapa capitalista. Como bem lembra Deslandes (1994) – afirmativa da qual somos signatários – as considerações que fazemos sobre a realidade estudada são sempre menos precisas do que a própria realidade.

4 A organização pós-fordista do trabalho em Zero Hora

Quer coisa mais velha do que jornal de hoje? A frase comum no cotidiano usa originalmente outro advérbio de tempo: hoje. Com ela, metaforiza-se a percepção da passagem do tempo e a ansiedade com o andar incessante e compassado dos ponteiros do relógio. Mas a expressão popular já mereceria essa adaptação do início do parágrafo. É o que Bauman (2001) sugere em *Modernidade Líquida*, quando, sem se referir a jornal, analisa a irrelevância do espaço e a valorização do tempo.

A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo. [S]e tempo nenhum precisa ser perdido ou superado – “sacrificado” – para chegar mesmo aos lugares mais remotos, os lugares são destituídos de valor [...] (BAUMAN, 2001, p. 136).

Na era do capitalismo pós-fordista, o jornalismo impresso já não concorre apenas com a instantaneidade da televisão e do rádio, mas também com a da internet. Mesmo que se trate, aparentemente, de uma batalha inglória, já que as mídias eletrônicas sempre superarão em agilidade

jornais e revistas, o grande desafio do jornal diário na conquista de leitores e fidelização de assinantes, hoje, é, sobretudo, o tempo. Bauman identifica qual a importância do tempo para os consumidores:

A “instantaneidade” aparentemente se refere a um movimento muito rápido e a um tempo muito curto, mas de fato denota a ausência do tempo como fator do evento e, por isso mesmo, como elemento no cálculo do valor. O tempo não é mais o “desvio na busca”, e assim não mais confere valor ao espaço. A quase-instantaneidade do tempo do software anuncia a desvalorização do espaço (BAUMAN, 2001, p. 136-137).

Desvalorizado o espaço, o tempo, ou melhor, a perda de tempo passa a ganhar relevância ainda maior no jornalismo. O *deadline*, elemento historicamente importante na produção de um jornal, adquiriu papel estratégico.

4.1 A supervalorização do *deadline* em Zero Hora

A supervalorização do tempo na produção jornalística tem origem numa das características apontadas por Harvey (2004) como intrínseca à pós-modernidade: a compressão do tempo. Esta, por sua vez, alicerça-se na aceleração do tempo de giro do capital. “A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo” (HARVEY, 2004, p. 257).

A compressão do tempo tornou a instantaneidade e a velocidade objetivos a serem perseguidos. “A violência da velocidade tornou-se, simultaneamente, o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo” (VIRILIO, 1979, p. 137).

Na redação de *Zero Hora*, medidas como a cronometragem do baixamento de páginas foram adotadas para tornar ainda mais eficaz o *deadline*. A partir de agosto de 2004, duas tabelas foram estabelecidas para racionalizar o *deadline*. Uma controla, diariamente, o número de páginas e horários específicos para cada editoria. A outra apresenta o balanço mensal, com atrasos, se houver, e justificativas. O horário limite para a finalização do jornal é, geralmente, 22h35min. Salvos dias especiais, quando o baixamento pode ser atrasado ou antecipado. O periódico ainda sofre uma atualização para a edição que circula em Porto Alegre e região metropolitana. Nela, além de troca de anúncios, há mudanças no conteúdo editorial com valorização de notícias da cidade, em substituição a outras de interesse maior de leitores do interior do Rio Grande do Sul. Tudo é feito da forma mais rápida possível, de modo que não atrase a impressão, e o jornal chegue cedo, se possível bem antes do meio-dia, às mãos dos leitores.

O crescente nível de obsolescência dos jornais está relacionado à compressão do tempo. No capitalismo pós-fordista, manter as coisas por muito tempo, ou seja, além do seu prazo de descarte – o que, para um jornal, sempre foi pouco tempo – significa privação, já que pode tornar-se empecilho a novos consumos (BAUMAN, 2001). É contra a descartabilidade que *Zero Hora* deve lutar. Não chegar ao amanhecer é tornar-se descartável antes de ser consumido. A fala de um informante da pesquisa expressa magistralmente a necessidade de preocupação com o tempo no jornalismo industrial. “A *Zero Hora* tem que fechar às 22h30min para que esteja pronta às 3h. Se isso não acontece, ocorre de os centros de distribuição, que vão entregar os jornais para os entregadores, que vão para as esquinas, [...] acabam se atrasando no trabalho deles e, quando o entregador vai para a esquina, [...] ele vai um pouco mais tarde. Muita gente que estava a caminho do trabalho já passou por ali”.

Castells (2002) aponta a compressão do tempo-espaço como uma das principais características do capitalismo pós-fordista e a denomina tempo intemporal. Ele descreve como a busca pela instantaneidade age sobre a compreensão do tempo:

Proponho a idéia de que *o tempo intemporal*, como chamo a temporalidade dominante de nossa sociedade, *ocorre quando características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão*

sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. Essa confusão pode tomar a forma de compressão da ocorrência dos fenômenos, visando à instantaneidade, ou então de introdução de descontinuidade aleatória na seqüência. A eliminação da seqüência cria tempo não-diferenciado, o que equivale à eternidade (CASTELLS, 1999, p. 556) [grifos do autor].

Na produção do jornal, essa eliminação de seqüência de que fala o autor acontece de duas formas. Primeiramente, durante a produção da notícia: apuração, edição, revisão. Estas três etapas passam por constantes transformações no pós-fordismo, cujos novos modos de gestão não disfarçam sua ojeriza por qualquer especificação de funções e divisão de tarefas. A sobreposição/supressão de funções e o agregar de outras tarefas, provocado pelo processo chamado multimídia, são paradigmáticas quando se pensa nas implicações da compressão do tempo na organização do trabalho no jornalismo industrial. A segunda está ligada ao tempo de execução de funções. O baixamento do jornal vem sofrendo o que se pode chamar de supervalorização. Planejado e encurtado, a transformação do *deadline* de ZH é exemplo da compressão do tempo. Para Sennett (2000), procurar substituir as rígidas estruturas de trabalho hierárquicas por formas mais flexíveis de organização é uma forma de tornar a produção mais flexível e orientada para oferecer mais produtos ao mercado, com maior rapidez. É inevitável referir-se à máxima marxiana: à economia de tempo, a isso se resume todo o modo de produção capitalista.

Essa superaceleração do processo de produção já é percebida pelos jornalistas de tal forma que às vezes ultrapassa as conversas de corredor e pára nas próprias páginas do jornal. Em uma de suas colunas, aos sábados, a jornalista Cláudia Laitano, que também é editora da seção de Variedades de *Zero Hora*, fala da sua aflição com o tempo. “Ainda que não fazia parte dos meus planos ser jornalista, uma profissão que não me ofereceria muitas oportunidades para cenas *slow motion*. [...] Não me espanta que tenha partido de um jornalista a idéia de lançar um movimento internacional contra a pressa” (ZH, 25/09/2004, p. 3).

A agilidade na produção motiva elogios por parte da direção. Frequentemente, a análise interna do jornal, redigida por um dos editores-chefes, tece comentários elogiosos ao cumprimento do *deadline*, à instantaneidade.

4.2 O sofrimento psíquico na redação

Foram realizadas seis entrevistas com jornalistas de *Zero Hora*, três mulheres e três homens. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas qualitativamente. Através das respostas dos sujeitos, procura-se identificar alguns dos fatores preponderantes na relação do jornalista de *Zero Hora* com seu trabalho. Além da discussão sobre sofrimento psíquico, analisa-se essa relação a partir da abordagem de autores que refletem sobre a pós-modernidade.

“[...] As rotinas incessantes de produção [...] acabam não permitindo a reflexão dessas práticas, [...] exatamente o que esse trabalho pretendeu fazer” (ROESE, 2003, p. 66). Quando encerra assim seu estudo sobre a seleção de notícias da editoria Geral de *Zero Hora*, o autor não só valida sua pesquisa como reconhece a capacidade que a “rotina incessante” pode ter de tolher qualquer tipo de reflexão sobre a produção dentro da redação. Já Moretzsohn (2002), na pesquisa sobre jornalismo em “tempo real”, diz que o “pique jornalístico” não vendou seus olhos. “Esta pesquisa começou a tomar forma ainda em meus tempos de repórter, nos anos 80, quando observava (*e sofria*) o ritmo das rotinas de trabalho em grandes redações do Rio” (MORETZSOHN, 2002, p. 5) [grifo nosso]. Assim, a autora deixa claro o sofrimento que lhe era infligido pela rotina dentro da redação.

A ausência de reflexão sobre a organização do trabalho não está restrita ao cotidiano de uma redação. Como todos os outros trabalhadores, jornalistas mantêm com o seu trabalho uma relação que vai além do simples cumprimento de uma atividade.

Da perspectiva da psicodinâmica do trabalho, a conquista da identidade faz-se em dois registros: primeiro no *amor*, como construção da identidade no campo erótico;

por outro lado, no *trabalho* [grifo do autor], dando acesso à construção da identidade no campo social. É preciso, portanto, poder construir a identidade nos dois campos – erótico e social (DEJOURS, 1999, p. 21).

Enquanto fator de construção identitária, a representatividade que o trabalho tem para o trabalhador é um importante campo para a reflexão das transformações na sociedade. Neste estudo, através da reflexão dos jornalistas entrevistados, pode-se identificar com maior clareza o que Capparelli (1997) chama de jornalismo pós-fordista, que estaria em formação na *Zero Hora* à época de sua pesquisa. A interpretação que os jornalistas fazem da organização do trabalho em que estão inseridos é um dos objetivos dessa pesquisa. Ter acesso a essa reflexão é uma forma que se julga eficaz no entendimento dos desdobramentos sociológicos e psicológicos do capitalismo na pós-modernidade.

Quando analisou os critérios de noticiabilidade da editoria Geral de *ZH*, Roese (2003) viu na ausência de reflexão sobre a produção um empecilho ao esclarecimento dos porquês daquilo que é noticiado.

Infelizmente, as rotinas produtivas e a cultura profissional acabam por impedir que os próprios jornalistas reflitam sobre o seu trabalho. O ritmo agitado das redações e o mercado competitivo fazem com que esses profissionais liguem uma espécie de “piloto automático”: não é preciso que ninguém os diga como fazer (ROESE, 2003, p. 67).

A falta de reflexão sobre a organização do trabalho tem implicações que vão além do próprio entendimento da produção. As ressonâncias da organização do trabalho no “caráter”, para usar a termo empregado por Sennett (2000), são óbvias. Como afirma Dejours (2003), o trabalho é um campo de construção identitária; a identidade, armadura da saúde mental.

A nova instantaneidade do tempo muda radicalmente a modalidade do convívio humano – e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam (ou não cuidam, se for o caso) de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam (ou não transformam, se for o caso) certas questões em questões coletivas (BAUMAN, 2001, p. 147).

Os jornalistas responderam a perguntas elaboradas de forma a fazer com que refletissem sobre as rotinas de produção em *Zero Hora*. As citações pinçadas procuram mostrar os contornos da organização do trabalho na redação. A partir das respostas, procura-se analisar questões propostas por alguns autores como sendo próprias da organização do trabalho pós-fordista. Entre outras, analisa-se aquelas que mais claramente relacionam-se com a compressão do tempo na redação de *ZH*: o *deadline*, a sobreposição/supressão de funções e, em parte, o processo multimídia.

Com as entrevistas pôde-se notar aspectos como o absenteísmo (SANT’ANA, 2001; DEJOURS, 2003), o sofrimento psíquico propriamente dito e a corrosão do caráter de que fala Sennett (2000). Essas características, segundo os autores, estariam sendo intensificadas pela organização do trabalho na etapa pós-fordista do capitalismo. Através da reflexão que os informantes fazem das rotinas de produção, pode-se compreender alguns aspectos identificados por eles como sendo intrínsecos à profissão. Como propõe Cameron (2003), todos os enunciadores foram batizados com pseudônimos, para evitar qualquer associação que viesse a lhes causar prejuízo pessoal. Para identificá-los, optou-se por nomes da mitologia ocidental.

4.3 Sobreposição/supressão de funções e o processo multimídia

A questão “Como é o teu trabalho?”, que abriu todas as entrevistas, suscitou surpresa nos entrevistados, que se viram provocados a refletir sobre sua rotina de produção. Surpreendentes também foram as respostas. Alguns deixam claro as transformações por que passa a atividade

jornalística, principalmente pelo agregar de funções, vinculada à compressão do tempo-espaço. Para Sennet (2000), a organização pós-fordista do trabalho pode ser corrosiva para o caráter. Segundo o autor, se na *moving assembly line*, o trabalhador tinha que confiar no outro para fazer seu trabalho, na etapa pós-fordista, isso se perde, e com o fim da linha de montagem, termina também a necessidade de confiança.

“Aqui existe um acúmulo de funções similares”, diz Irene. Ela aborda de maneira crítica a sobreposição de funções: “Eu não vejo vantagem nenhuma. Tu trabalhas muito mais para produzir uma página sozinho. E a chance, a margem de erros aumenta muito”. Do processo multimídia, vê vantagem econômica – para a empresa: “Isso daí é outra coisa. Daí já é a terceira via de uma exploração muito maior. [...] Descobriram um novo caminho de exploração de mão-de-obra”. Apolo concorda: “A gente sabe que isso é uma forma de economizar mão-de-obra. É um processo que acaba permitindo à empresa aumentar seus rendimentos”. Ele narra o que já ocorre: “A gente está trabalhando, além de trabalhar para o jornal, para a rádio, às vezes para a TV. As nossas matérias são sempre publicadas no site [ClicRBS].”

Outros, como aponta Sennett (2000), vêm no acúmulo uma forma de libertação do trabalho do outro. “[...] Às vezes é mais fácil fazer aquilo que era para outro personagem da linha de montagem, digamos, do que esperar esse personagem chegar”, acredita Hermes. Íris vai além: “[...] Acho que a gente está caminhando para que os editores já desenhem as suas páginas independentemente do diagramador. Que eles não me ouçam, os diagramadores, mas seria o paraíso (risos). Porque tu não dependes de outras pessoas”.

[...] A vergonha da dependência tem uma conseqüência prática. Corrói a confiança e o compromisso mútuo, e a ausência desses laços ameaça o funcionamento de qualquer empreendimento coletivo (SENNETT, 2000, p. 169).

A sobreposição parece criar novas funções. É o que percebe Perseu, ao descrever como é seu trabalho. “Hoje, com a fusão que existe entre edição e diagramação, a gente acaba falando: eu vou editar graficamente o jornal. [...] É uma fusão que acontece dentro de um sistema que a gente conhece no dia-a-dia. Ela não está no papel. Hoje, no papel, diagramador é diagramador, editor é editor.” Perseu nomeia a nova função pós-fordista: “[...] o editor-gráfico, que eu prefiro até chamar assim”. Sua experiência permite lembrar como funcionava parte da rotina de produção no jornal – quando confiar no trabalho do outro era imprescindível. “[...] O diagramador era os olhos do editor. Nós não tínhamos à nossa frente a tela do computador onde você ia desenhando e a página ia se formando. Nós tínhamos um papel. [...] Cada diagramador que riscava, que desenhava a página, ele tinha que ter essa visão. O editor ficava do lado olhando e tinha que acreditar naquilo ali”.

A descrição de Hera denuncia o pós-fordismo na rotina de produção do jornal: “Atualmente, o meu trabalho é um pouco multidisciplinar [...], porque faço desde a reportagem até a edição”.

4.4 Absenteísmo no trabalho

Trabalhar doente vem se tornando uma prática comum em empresas pós-modernas (DEJOURS, 2003). Outros autores também têm apontado a queda do absenteísmo como característica da organização do trabalho no capitalismo pós-fordista.

[...] Vivemos numa cultura em que a vergonha de estar doente parece ter sido naturalizada, talvez seja apenas desculpável se queixar da dor quando se é criança, quando não é totalmente responsável pelo próprio corpo (SANT’ANA, 2001, p. 33).

Dejours (2003) acredita que os próprios ganhos da produtividade resultam “essencialmente da diminuição do absenteísmo, da redução dos custos da mão-de-obra e da inexistência de movimentos reivindicativos, mais que da melhoria da qualidade *stricto sensu*” (DEJOURS, 2003, p. 51). No jornalismo parece não ser muito diferente. O relato de uma das informantes denuncia a

prática. “[...] Eu tenho tendinite há muito tempo. Estou trabalhando normalmente. Deveria ter feito dez sessões de fisioterapia. O papel está ali na minha bolsa. E não é a empresa que me diz: não vá fazer. [...]. Na verdade sou eu que não me permito fazer porque tenho uma série de coisas para fazer e eu vou fazendo”. “Quando eu trabalho cinco horas, eu saio daqui frustrada, com a sensação de que fiz pouco. Saio com culpa, pensando: puxa, hoje eu não mereci meu salário!”. Neste e no depoimento que segue, Íris vê como impensável uma rotina de trabalho saudável: “Tu não podes querer, num período de eleição, dormir oito horas por dia e ir de manhã ao parque. Não pode querer ter uma vida normal. Mas eu não chego a achar que seja uma coisa sobre-humana. Só acho meio insano, às vezes”.

4.5 Sofrimento psíquico

Quando se fala em sofrimento psíquico no trabalho, deve-se entender duas coisas. Primeiro, para a psicodinâmica do trabalho, segundo Dejours (1999), o sofrimento é um estado mental que implica um movimento reflexivo da pessoa sobre seu “estar no mundo”. O autor ressalva que o sofrimento psíquico é sempre individual e único. Segundo, o sofrimento psíquico é responsável por impelir o sujeito no trabalho, em busca das condições de auto-realização.

A idéia de compressão do tempo-espaço na rotina de produção é exemplar para se entender o sofrimento psíquico na redação. A pressão do *deadline* desponta, mas outro aspecto da atividade jornalística é apontado pelos informantes como incidente nas suas vidas: a jornada de trabalho. As horas de trabalho de um jornalista não podem exceder, conforme rege o artigo 303 da Consolidação das Leis Trabalhistas, cinco horas. Pode ser elevada até sete horas, “mediante acordo escrito, em que estipule aumento de ordenado, correspondente ao excesso de tempo de trabalho, em que se fixe um intervalo destinado a repouso ou refeição” (Art. 304 da CLT).

O ritmo frenético de trabalho e a jornada extensa não são apenas importantes provocadores de sofrimento psíquico na redação de *Zero Hora*. A convergência entre os dois fatores é vista pelos jornalistas como uma das principais causas de abandono da profissão.

“As cinco horas de jornalismo só existem no papel e, mesmo assim, nem no papel, porque ninguém obedece. Não existe pagamento de hora extra”, diz Hera. “Eu fico em média umas dez horas por dia dentro da redação. Eu acredito que o ideal seria ficar oito, no máximo. [...] Duas horas [a mais] por dia é muita coisa. Até porque não é uma questão só de tempo. É que eu saio do jornal com o cérebro como um suco” conta Hermes. “O sofrimento é sempre, antes de tudo, um sofrimento do corpo, engajado no mundo e nas relações com os outros” (DEJOURS, 1999, p. 19). Apolo faz coro: “Não existe hora extra. Honestamente, não conheço ninguém que fique no jornal porque quer ficar no jornal trabalhando. Óbvio que todos nós amamos nosso trabalho, o ambiente é interessante, mas isso não justifica que a pessoa abra mão da sua vida pessoal para ficar no trabalho”. Apolo acha que o salário contribui para o desencanto com o jornalismo: “Realmente, é um salário baixo, e existe muita cobrança. É uma responsabilidade muito grande, e a carga horária se estende por um período muito além do normal”. A desistência de alguns colegas, apesar de muitas vezes ser velada já que, conforme um deles, “ninguém quer sair de mal com a empresa”, sempre tem sua causa consciente. “[...] Claro que a gente sabe que se em outros lugares não fosse diferente as pessoas não sairiam, se houvesse um ritmo de trabalho menor, se o salário fosse mais alto”, explica Apolo.

“Hoje, a gente tem um *deadline* muito mais rigoroso do que era antes. Antes, se tinha, mas tu tinhas jogo [...] era um pouco mais flexível do que agora. Agora é fechou, fechou. Às vezes te arrancam uma página da mão e sai do jeito que foi”, conta Íris. Dejours (1994) explica o porquê do *deadline* causar tanto sofrimento: “quando uma tarefa deve ser realizada sob certa pressão de tempo, ocasionando expectativas, *stand-by*, tempos mortos e depois uma ação concentrada de esforço desgastante, surgem tensões e irritações” (p. 102). “[...] Se tu trabalhas com tempo muito exíguo perto do horário do fechamento, então a pressão é bem maior. Tu estás com o editor em cima de ti, te cobrando a matéria, enfim”, conta Apolo.

O que se pode chamar de contradição tecnológica parece ser causa de sofrimento entre os

jornalistas. A tal “porosidade” para a rotina de trabalho, que seria trazida pelo avanço tecnológico, é reivindicada. Eles só não entendem (ou preferem não entender) que o ritmo incessante da redação é mais culpa da gestão da tecnologia, que do próprio investimento em *softwares*. “Não vejo as pessoas trabalharem menos hoje. Pelo contrário, a gente tem o computador e trabalha mais. E cada vez trabalha mais. Porque tu cada vez tens mais acesso a coisas”, expõe Íris. Hermes completa: “Mesmo que a tecnologia tenha avançado sobre os veículos de comunicação, a tecnologia, ao mesmo tempo em que abreviou e cortou etapas, impôs um ritmo acelerado nas empresas de comunicação e também uma exigência maior do consumidor e da concorrência, de o produto chegar com mais agilidade”.

Tanto o *deadline* mais rígido quanto o ritmo e a jornada da atividade jornalística escondem preocupações dos trabalhadores da notícia. Íris diz temer que o excesso de planejamento do *deadline* e a rigidez com que vem sendo imposto acabem fazendo “a gente virar um burocrata”.

“Se antigamente as redações eram insalubres porque te afetavam o ouvido de barulheira de máquina e tal, ou o teu pulmão, porque todo mundo fumava que nem doido; hoje, a insalubridade é mais perigosa, porque é uma insalubridade invisível, que é a do teu cérebro, da tua mente. Eu acho que a redação, hoje, convida [...] uma legião de pessoas a terem problemas psicológicos”, desabafa Hermes.

O sofrimento não exclui o prazer (DEJOURS, 1994). Mesmo submetidos a ritmos incessantes dentro da redação, jornalistas mantêm a profissão como fonte de prazer, isso é inegável. A própria adrenalina nos horários críticos do baixamento foi indicada por alguns como prazerosa e intrínseca à profissão, o que parece revelar um fator de construção de identidade ligado ao tempo. Nas entrevistas, isso ficou claro em alguns momentos. O exagero na hora de falar da “paixão pelo jornalismo” – coincidentemente referida por todos os informantes – como justificativa para suportar o ritmo frenético, a jornada comprida e o salário minguado, também tem ares de estratégia coletiva de defesa (DEJOURS, 2003). Porém, para sanar essa dúvida, não só o tempo, como o número de informantes teria de ser maior. Aqui, retoma-se Dejours (2003):

A normalidade é interpretada como o resultado de uma composição entre o sofrimento e a luta (individual e coletiva) contra o sofrimento no trabalho. Portanto, a normalidade não implica ausência de sofrimento, muito pelo contrário. Pode-se propor um conceito de “normalidade sofrente”, sendo pois não o efeito passivo de um condicionamento social, e sim o resultado alcançado na dura luta contra a desestabilização psíquica provocada pelas pressões do trabalho (p. 36).

Essa análise, entretanto, sobre aspectos da construção da identidade de jornalista, é para um outro tempo, para uma outra pesquisa.

Considerações finais

É bem verdade que seria necessário um estudo mais abrangente para que fossem identificados todos os contornos pós-fordistas na produção de notícias de *Zero Hora*. Mas para isso, além de um tempo superior para a pesquisa seriam necessários outros procedimentos e recursos. A passagem do capitalismo pesado para o leve, como adjetiva Bauman (2001), é um processo em curso no Brasil atualmente. Em razão disso, precisa ser mais bem avaliado nos seus desdobramentos. Estar no meio do processo pode tornar a reflexão menos totalizante.

Tendo como referencial teórico autores que se detêm à análise da compressão do tempo (HARVEY, 2004; BAUMAN, 2001; CASTELLS, 1999) e à reestruturação do trabalho (SENNETT, 2000; SANT’ANA, 2001; DEJOURS, 1999, 2003), pode-se dizer que esta pesquisa indica, ao menos, a emergência de características pós-fordistas na organização do trabalho – com implicações reais sobre a vida do trabalhador da notícia.

A horizontalização da produção em *Zero Hora* (sobreposição/supressão de funções), o encurtamento do processo de produção de notícias, verificado através da antecipação e planejamento do *deadline*, e avanço multimídia parece-nos comprovar, na perspectiva da

Economia Política da Comunicação, a reestruturação do modo de produção.

Em momento algum critica-se o avanço tecnológico. A tecnologia é vista por esta pesquisa como importante fator na compressão do tempo, e não vilã da sobrecarga de trabalho. Se se procura um alvo, este pode ser identificado na racionalidade dominante neste ciclo do capital, que tem na “japonização” da gestão um de seus principais desdobramentos. Mergulhadas em teses de produtividade, empresas têm contribuído ainda mais para o crescimento de doenças relacionadas ao trabalho.

A hipersolicitação do trabalhador, que, como foi visto, não poupa os jornalistas, merece atenção especial da academia hoje. Como afirma Thébaud-Mony (2004), há um verdadeiro silêncio sindical, jurídico, político e médico frente a esta característica advinda com a busca por maior produtividade. Hoje, “o único limite à hipersolicitação de homens e mulheres no trabalho situa-se no ponto de ruptura: o acidente, a tendinite, a Síndrome do Túnel de Carpo...” (THÉBAUD-MONY, 2004, p. 16). É preocupante que o único limite à intensificação do trabalho seja o adoecimento.

O empenho com que vem sendo estudada a produção jornalística pelo viés crítico tem permitido ensaiar algumas outras considerações que vão além do entendimento de que a compressão tempo-espaço tem implicações sobre a rotina de produção jornalística e sobre vida dos trabalhadores da notícia.

O advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não-mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido (BAUMAN, 2001, p. 149)

A redação, *grosso modo*, parece já não ser cativa de intelectuais. Sob a égide pós-fordista, a atividade jornalística exige um outro tipo de profissional. Os *fastthinkers*, *habitués* na televisão, segundo Bourdieu (1997), parecem ganhar espaço na mídia impressa. Para o autor, tratam-se de “pensadores que pensam mais rápido do que sua sombra” (p. 40). Estes “pensadores” são convocados a opinar sobre tudo – sempre com “idéias feitas” e instantaneamente. O “pensamento pensante” exige tempo. Assim, mesmo que apocalíptica, a afirmativa de Moretzsohn (2002) não soa descabida nem exagerada:

O percurso que ora se conclui sugere que, subordinado à instantaneidade, o jornalismo está condenado a desaparecer, pois é incapaz de realizar o trabalho de análise que é a sua razão de ser. Sobreviveria apenas como uma espécie de “aparelho ideológico” a reproduzir o “fetiche” (p. 177 – 178).

A autora traz importante discussão sobre as implicações do “abafamento do grito de porem as máquinas” no conceito de notícia. Como não poderia ser diferente, a compressão do tempo-espaço tem implicações que transpõem o limite da rotina da redação. Ela inflige sofrimento, como se tentou argumentar neste artigo, e parece moldar um outro tipo de profissional de mídia impressa. Este sim é tópico para uma outra pesquisa.

Diante da reestruturação do modo de produção capitalista, parece imprescindível dar relevância, ou até mesmo protagonizar, o trabalho quando se faz pesquisa em ciências sociais. Mesmo depois do “divórcio” entre capital e trabalho, continua sendo este a força motriz e sustentáculo de toda e qualquer sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Os usos sociais das ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

- CAMERON, Deborah. **Working with spoken discourse**. 3 ed. London: Sage, 2003.
- CAPARELLI, Sérgio. Zanzibar de novas tecnologias: imprensa regional e Zero Hora. In: **Temas Contemporâneos em Comunicação**. São Paulo: Edicom/Intercom, 1997. (109 – 126)
- CARVALHO, Marcelo Pereira de. O fordismo no Brasil. Que fordismo é esse? In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Mastins de; RODRIGUES, Luciene (orgs.). **Capitalismo: da gênese à crise atual**. Montes Claros: Unimontes, 1999. (91 – 132)
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. (51 – 66)
- DEJOURS, Christophe. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: BETIOL, Maria Irene Stocco. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- _____. **Conferências Brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: Fundap, 1999.
- _____. **A banalização da injustiça social**. 5ª ed. Rio: FGV, 2003.
- _____; ABDOUCHELI, Elisabeth. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: BETIOL, Maria Irene Stocco. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- DESLANDES, Suely Ferreira. A Construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. (31 – 50)
- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Indústrias Culturais e Capitalismo no Brasil. In: **Em Questão**. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2003. (309 – 326)
- _____. O Conglomerado de Mídia no Capitalismo Global. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 5ª ed. Rio: Record, 2001.
- GRISCI, Carmem Ligia Iochins. **Trabalho, tempo e subjetividade: a reestruturação do trabalho bancário**. 2000. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- HELOANI, José Roberto. Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado: História da Manipulação Psicológica no Mundo do Trabalho. São Paulo, Atlas: 2003.
- _____. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de pesquisa da Fund. Getúlio Vargas. São Paulo, 2003.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- LUZ, Loraine Castro da. **Contribuição ao estudo da relação entre o jornalista e a velocidade, por meio de uma análise comparativa de duas gerações desses profissionais e suas respectivas considerações acerca do fechamento de uma edição**. Porto Alegre. Monografia de conclusão de curso - UFRGS, 1998.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade**. Rio: Revan, 2002.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à Razão Dualista/O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ROESE, Luiz Norberto. **Seleção de notícias: o caso da editoria Geral de Zero Hora**. Porto Alegre. Monografia de conclusão de curso - UFRGS, 2003.
- SANT’ANA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade Editora, 2001.

SENNETT, Richard. **A corrosão caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política.** São Paulo: Estação Liberdade Editora, 1996.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.